



# Entre a paisagem e o povoamento no território de Mértola – séculos VIII a XIII

Maria de Fátima Palma | CEAACP - Campo Arqueológico de Mértola



Fig.1 – Margem direita do Rio Guadiana, zona do Moinho dos Canais.

O território e a paisagem que pautam todo o concelho de Mértola são distinguidos por uma região de transição, entre a planície e a serra. Estas distintas características são perfeitamente visíveis, num olhar rápido, ao percorrer toda a região, pois, depressa passamos de zonas planas, peneplanície alentejana, para uma área de pequenas e dobradas serras e cerros, denominada como Vale do Guadiana.

Na generalidade, a maior parte do território do concelho de Mértola apresenta uma altitude inferior a 200 metros, sendo a Serra de Alcaria Ruiva o ponto mais alto com cerca de 370 m de altitude.

Porém, destacam-se duas unidades geográficas, tanto a Norte como a Sul, e que de certa forma compreendem os limites territoriais de toda esta área, desde época medieval. O vale da Ribeira do Vascão, a Sul, produz a passagem para a serra, e a Ribeira de Terres e Cobres a Norte, delimita a transição para as planícies e os barros de Beja.

Outra das características que o definem é o facto de se tratar de um território pautado pela Faixa Piritosa Ibérica que o atravessa em grande medida, influenciando sobretudo na margem esquerda do Guadiana, onde se destaca a zona mineira de São Domingos, explorada desde o período romano e com grande intensidade nos finais do século XIX e inícios do século XX.

Se puderes olhar, vê

Se puderes ver, repara

José Saramago





Fig.2 - Peneplanície alentejana vista da Senhora da Aracelis.

Páginas seguintes:

Fig.3 [à esquerda]- Serras, cerros e os vales encaixados do rio Guadiana e seus afluentes. Vista de Mértola, encaixada na paisagem, partir do sítio de Bramafão.

Fig.4 [à direita]- Serra de Alcaria Ruiva – elevação quartzítica repleta de esteval durante a primavera - vista de sudoeste.







Fig.5 - Serra de Alcaria Ruiva no fim do verão - vista de sudeste.

Páginas seguintes:

Fig.6 [em cima, à esquerda] - Planície com zona de montado de azinho, vista norte da Serra de Alcaria Ruiva.

Fig.7 [em baixo, à esquerda] - Foz da Ribeira do Vascão, afluente do Rio Guadiana, no limite do território entre o Alentejo e o Algarve.

Fig.8 [à direita] - Ribeira de Terges e Cobres durante o verão de 2018, sem caudal. Esta ribeira delimita o território de Mértola e Beja a norte do território.







Fig. 9 [página anterior] e 10 - Zona mineira de São Domingos inserida na Faixa Pirítica Ibérica.





A Vila de Mértola articula todo o território, ocupando uma posição central, sobretudo administrativamente e atualmente como sede de concelho. Assente num esporão rochoso na margem direita do rio Guadiana, na confluência deste com a ribeira de Oeiras, Mértola adquire condições defensivas excecionais que favoreceram o seu desenvolvimento no decorrer dos tempos. Atualmente, o seu concelho abrange uma extensão de 1292km<sup>2</sup>, tratando-se de um dos maiores concelhos de Portugal em tamanho. O seu termo chega aos concelhos de Beja e Serpa a Norte, Castro Verde e Almodôvar a Oeste, Alcoutim a Sul e com a província espanhola de Huelva a Este.

Fig.11 - Vila de Mértola, vista da margem esquerda do rio Guadiana, no final do verão. É possível ver a implantação do lugar, num esporão rochoso, entre duas linhas de água. No horizonte as serras de São Barão, Alcaria Ruiva e Alvares.



Como elemento estruturador deste território, destaca-se o Rio Guadiana e os seus afluentes que modelam a paisagem em seu redor. O Rio atravessa o concelho numa extensão de 35km, fazendo-se sentir a maré até à Vila de Mértola, a cerca de 70 km da foz. O “Pulo do Lobo”, uma cascata com cerca de 15m de altura, situada a Norte da Vila, torna o rio intransponível, logo, Mértola adquire a conotação de último porto fluvial do Guadiana.

Página anterior:

Fig.12 [à esquerda] - Queda de água do Pulo do Lobo, com cerca de 15m de altura.

Fig.13 [em cima, à direita] - Rio Guadiana na zona dos Canais e da Rocha da Galé (afloramento rochoso no meio do rio que faz lembrar uma galé).

Fig.14 [em baixo, à direita] - Bombeira do Guadiana - Plataformas a sul de Mértola, na margem direita, junto ao rio Guadiana, com uma Vinha com 21,5Ha, em solos xistosos e magros, com uma influência de uma humidade relativa que proporciona um microclima favorável à cultura vinícola.

Em baixo:

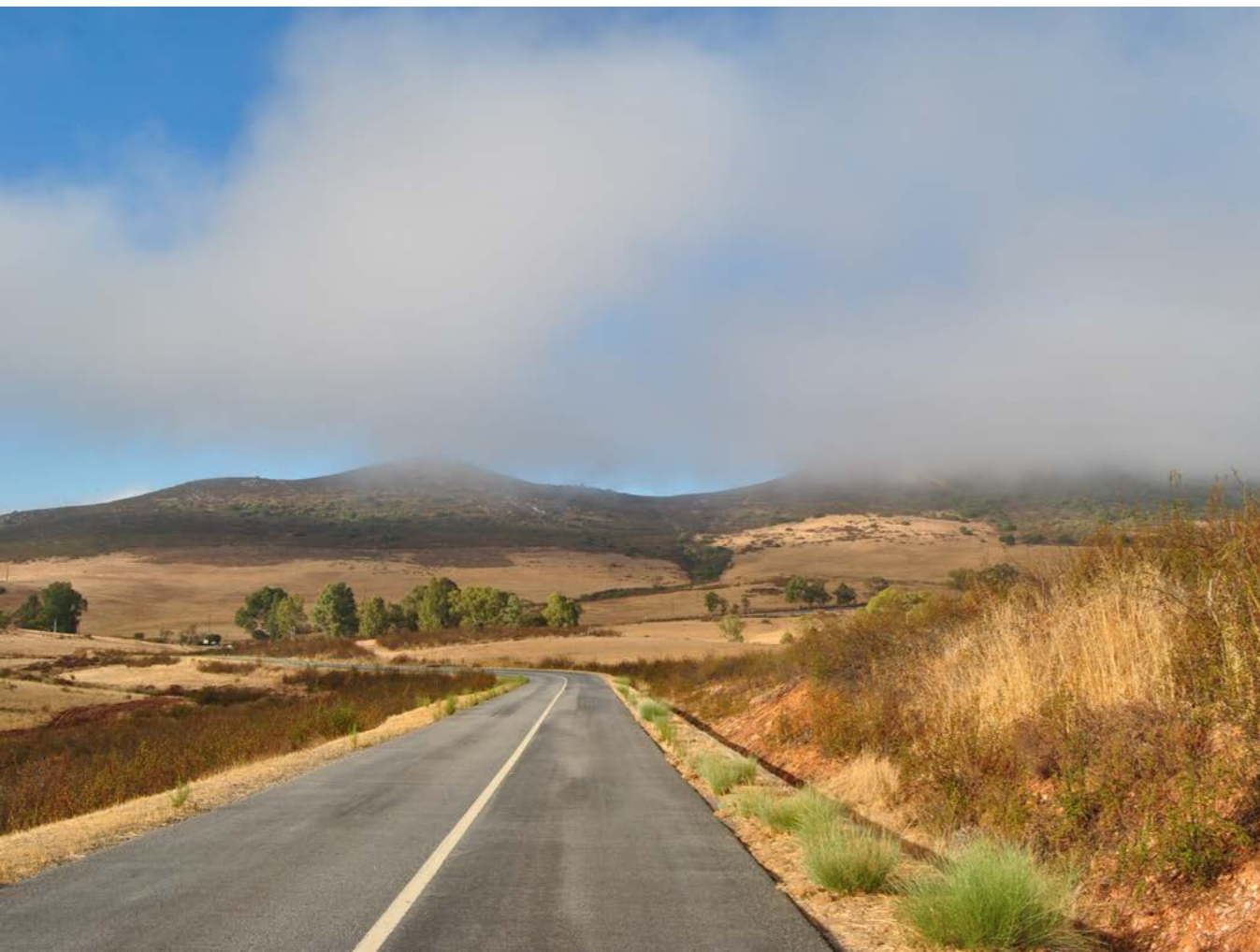
Fig.15 - Rio Guadiana na sua viagem para a sul e uma paisagem de montes ondulantes e margens férteis.





A paisagem atual é o resultado da acumulação das diversas paisagens históricas que se foram sucedendo. São, por conseguinte, parte da cultura material das sociedades que as criaram. Desde a perspectiva arqueológica, as paisagens estão compostas por uma série de elementos perceptíveis, entre os quais se dão uma série de relações.

Os trabalhos de prospeção arqueológica no território de Mértola têm vindo a ser contínuos nas últimas quatro décadas, culminado na Carta Arqueológica (Palma: 2012). Conhecemos por todo o termo inúmeros sítios arqueológicos de diferentes cronologias. No entanto, há a necessidade de analisar o território e o povoamento em unidades temporais e caracterizá-las. É neste contexto que surge o projeto de doutoramento “O Alfoz de Mértola entre os séculos VIII e XIII. Análise do território, da organização espacial e do seu povoamento”. Os objetivos passam por um trabalho intenso de prospeção arqueológica, de verificação de sítios, estudo dos materiais, de análise e reconstituição da paisagem, e sobretudo da organização do povoamento e das pequenas comunidades rurais durante o período islâmico.





Página ao lado:

Fig.17 [em cima, à esquerda] - Trabalhos de prospeção arqueológica

Fig.18 [em baixo, à esquerda] - Paisagem entre a planície e a serra no decorrer dos trabalhos de prospeção arqueológica.

Fig.19 [à direita] - Caminho pedestre, empedrado, de acesso à ribeira.

Nesta página:

Fig.20 [em cima, à esquerda] - Cerâmicas identificadas em vários momentos dos trabalhos de prospeção arqueológica. Em destaque as telhas com dedadas, meandros e ziguezague características do período islâmico.

Fig.21 [em baixo, à esquerda] - Prospeção e identificação de sítio arqueológico.

Fig.22 [em cima, à direita] - Sítio das Alcarias em Roncão de Baixo - dista menos de 1km da povoação atual.

Ao longo dos quatro anos do projeto e o processo de identificar sítios para a Carta Arqueológica, tornam a experiência de olhar e observar a paisagem como algo singular. Mas, ao mesmo tempo, torna-se um processo identificador de elementos estruturantes do território, de marcas do quotidiano das populações que ali viveram, dos caminhos que utilizavam, da forma como geriam o território e os recursos disponíveis. Outro dos desafios desta investigação é perceber como as comunidades rurais atuais ainda se relacionam com a sua envolvente, que em muitos casos dista pouco mais de um quilómetro dos antigos povoados de cronologia islâmica.

Olhar, ver, analisar, uma e outra vez. Caminhar, andar, olhar o chão mais uma vez, umas cerâmicas aqui e ali, as pedras, os montes de pedras, o muro caído, as oliveiras velhas, olhar a paisagem, as árvores e os cerros, os barracos, regatos, ribeiras e percorrer o caminho que ainda hoje leva ao moinho. Tudo isto é vivenciar/experienciar o espaço e a paisagem, essencial para entender o posicionamento dos povoados e as relações com outros sítios. Há sempre um quanto de interpretativo, mas a linha base de estudo, assente em metodologias já largamente experienciadas na arqueologia da paisagem, permitem algumas seguranças a par das análises dos dados recolhidos.

No território de Mértola, o povoamento aparece muito pulverizado num avultado número de pequenas ocupações rurais, no início do Período Islâmico, para se irem progressivamente concentrando em núcleos maiores, entre a época Taifa e Almóada, sendo abandonados muitos dos pequenos povoados. Na transição para o período medieval cristão os povoados podem ter continuidade, mas em muitos dos casos o núcleo habitacional muda uns metros, para o cerro

mais ou lado, mas mantendo-se a ideia do povoado antigo, de que ali naqueles pedregais ou Alcarias viviam os “mouros”.

O mundo rural organiza-se, sobretudo, em torno às Alcarias, uma pequena comunidade rural, com um conjunto de quatro a oito casas, organizados em pequenos clãs familiares que exploram o seu pequeno território em volta, variando de tamanho e produção. Dispunham do seu espaço próprio de subsistência, hortas, oliveiras, pequenas zonas agrícolas, zonas de pastorícia e localizavam-se sempre perto de cursos de água, em zonas com boa visibilidade, criando infraestruturas próprias e na confluência de caminhos que os interligam. Numa zona de escassas aptidões agrícolas foi desde sempre a pastorícia a atividade mais importante.

Contudo os pequenos grupos populacionais da região, impulsionados por um mercado cujo centro de exportação/importação foi o porto interior de Mértola, dedicaram-se a trabalhos de mineração e metalurgia que serviam de complemento à economia pastoril de subsistência.

Até ao momento foi possível identificar cerca de 120 sítios com presença islâmica, com estruturas e cerâmicas. Muitos dos sítios aproveitaram zonas com ocupação anterior (romana e tardo-antiga), sobretudo os sítios com boa visibilidade, acesso a água e bons terrenos de cultivo. Nota-se, uma acentuação do povoamento islâmico na zona sul do território de Mértola, numa dinâmica de pequenos núcleos de povoamento, com a inserção dentro de redes de relações humanas, no controlo das vias, do rio, do comércio e que permanecem ao longo do espaço e do tempo.



Fig.23 [em cima, à esquerda] - Povoado de João Calado – Alcaria Ruiva.

Fig.24 [em baixo, à esquerda] - Povoado Cerro das Oliveiras - Namorados.

Fig.25 [em cima, à direita] - Pastoreia continua a ser uma atividade com alguma expressão em todo o território.







[Páginas anteriores](#)

Fig. 26 - Rebanho de ovelhas durante o verão, em zona de planície, na hora do acarro.

Nesta página

Fig. 27 - Portal em Senhora da Aracelis.

Ainda é possível observar este território no seu estado mais autêntico, sem as grandes plantações intensivas de olival e amendoal como ocorre nos terrenos agrícolas abrangidos pela zona de regadio de Alqueva. Excetuando as manchas de plantação de pinheiros, há zonas que pouco ou nada têm sofrido com a agricultura intensiva e o manuseio de maquinaria pesada. É nestas zonas que conseguimos “sentir” a paisagem no seu estado mais puro, conseguindo identificar os elementos mais antigos e que ainda permanecem na paisagem, fazendo parte dela como elementos identitários destas populações. Não são grandes e imponentes arquiteturas, como muralhas, aquedutos ou pontes. Neste mundo rural tudo é em taipa, pedra, sobretudo xisto, ligado com terra ou argamassa de cal, pequenas construções caiadas de branco na sua simplicidade, criando a identidade destas comunidades.

A paisagem destes lugares e da sua envolvente influi na escolha e permanência do sítio e das suas relações com o meio criando uma identidade humana naqueles tempos e que muitas vezes se vai perpetuando até aos dias de hoje.

Neste mundo rural tudo é em taipa, pedra, sobretudo xisto,  
ligado com terra ou argamassa de cal,  
pequenas construções caiadas de branco...

Bibliografia PALMA, Maria de Fátima (Coord) (2012). Carta arqueológica do concelho de Mértola. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.

PALMA, Maria de Fátima (2020). «Um território, múltiplos recursos. Dados para a investigação em Época Islâmica no termo de Mértola». In PALMA, Maria de Fátima; LOPES, Virgílio (ed.) (2020) O Território e a Gestão dos Recursos entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico. Granada: Editorial Alhulia, Nakla Colección de Arqueología y Patrimonio, nº 24. ISBN: 978-84-122275-1-2.

